

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS- LICENCIATURA

LUIZ FERNANDO COUTINHO DE AGUIAR

MINHAS MEMÓRIAS NA CULTURA *HIP HOP*

CRICIUMA-SC

2018

LUIZ FERNANDO COUTINHO DE AGUIAR

MINHAS MEMÓRIAS NA CULTURA *HIP HOP*

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Viviane Candiotto

**CRICIÚMA
2018**

LUIZ FERNANDO COUTINHO DE AGUIAR

MINHAS MEMÓRIAS NA CULTURA *HIP HOP*

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, 22 de novembro de 2018 (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Viviane Maria Candioto – Mestre em Educação - (UNESC) Orientadora

Profa. Ma. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira – Mestre em Ciências da Linguagem- (UNISUL)

Prof. Esp. Anderson Felisberto Cristiano – Especialista em Dança e Educação – (UDESC)

Dedico esse trabalho à minha mãe, Lucilene Rodrigues Coutinho de Aguiar, e ao meu pai Silvanio Luiz de Aguiar, pela vida dedicada para a educação recebida e pelas forças que me deram para chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À minha orientadora Viviane Candiotto, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, e por acreditar na capacidade que o artista da dança possui para trilhar os caminhos educacionais. Sou grato pelas sugestões e contribuições que me fizeram refletir além da Cultura Hip Hop.

Aos meus pais, Silvano Luiz de Aguiar e Lucilene Rodrigues Coutinho de Aguiar, pelo amor, incentivo e apoio incondicional durante minha vida e jornada.

Aos artistas, educadores, e alunos entrevistados, Artista Pedro Henrique Pisoni, Vlademir Ricardo Bernardo Junior, Clóvis Sebuero Cyrille, Maria Eduarda Dias de Jesus, Júlio Cesar Gonçalves Soares por compartilharem suas experiências.

Agradeço a todos os professores do curso de Artes Visuais Licenciatura por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação que não termina aqui, e sim, apenas começando.

A eles, o meu muito obrigado!

“Não é qualquer um que segue em frente e dança um bom *break*”.

Sabotage

RESUMO

Este estudo visou acompanhar a construção identitária da cultura *hip hop* por meio dos sujeitos que a representam, atentando especialmente para a articulação da memória do *hip hop* e dos elementos artísticos nas narrativas de artistas e educadores das Artes, a fim de problematizar o processo de construção identitária nos educadores e artistas. Apresento, nesta pesquisa, uma investigação sobre as experiências e vivências da cultura *hip hop* no ambiente escolar pelos educadores e artistas entrevistados e suas implicações para o entendimento da cultura *hip hop*, da memória *hip hop* e de seus elementos constituintes. A intenção é compreender como o *hip hop* se articula nas narrativas dos artistas e educadores de artes, objetivando problematizar o processo de construção identitária de um professor de artes e suas representações em Livros Didáticos. Sendo assim, busquei situar historicamente o *hip hop* e desenvolver um estudo teórico que permita compreender e aplicar o conceito de Memória *hip hop*, que no caso, é também a sua Identidade, dialogando com teóricos dos estudos culturais sobre os processos de construção da identidade de dois artistas da Cultura *hip hop*. Para isso, a metodologia utilizada foi de natureza qualitativa aplicando questionários descritivos com roteiro semiestruturado de perguntas abertas e fechadas, e revisão bibliográfica conceitual para análise dos relatos de vida. A partir da análise dos questionários, configurando-se também como pesquisa de campo, todavia, sem a pretensão de respostas finais, mas que nos permitam refletir e perceber foi possível reconhecer que falar da Cultura *hip hop* é falar dos representantes que vivenciaram esta cultura. Em que pesem as heranças artísticas e culturais de todos os envolvidos neste estudo, a Cultura *hip hop* é um meio de se enfrentar a vida cotidiana. O próprio *hip hop* e seus elementos são uma forma de comunicação que vão além das fronteiras das diferenças de cor, raça, credo, ideologias. A Cultura *hip hop* é manter vivo o ideal de uma cultura de Paz, Amor, Respeito, Humildade, União e Artes.

Palavras-chave: Cultura *hip hop*; Escola; Livros Didáticos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Grupo União Dança de Rua (2009).....	12
Figura 2 - Afrika Bambaataa em 28 de dezembro de 2016.....	20
Figura 3 - Grafite do artista Herok no muro da Escola Toneza Cascaes.....	24
Figura 4 - Alunos grafitando os muros da Escola Toneza.....	24
Figura 5 - Herok palestrando.....	25
Figura 6 - Representação do MC, Pedro Henrique Pisoni Alano.....	27
Figura 7 - DJs “Old-school hip-hop block party mix part” (1982)	29
Figura 8 - 25/07/2016 Banska Bystrica, Slovakia, roda de dança <i>breakdance</i>	30
Figura 9 - Competição na França/2016.....	35
Figura 10 - Entrevistado, Clóvis Sebuero Cyrille.....	38
Figura 11 - Entrevistada, Maria Eduarda Dias de Jesus.....	38
Figura 12 - Entrevistado, Júlio Cesar Gonçalves Soares.....	39
Figura 13 - Livro didático – Arte por toda parte. Ed. FTD.....	45
Figura 14 - Livro Didático – Arte em interação	46
Figura 15 - Livro Didático – Arte de perto.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
PIBID	Programa institucional de bolsa de iniciação à Docência

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DELINEANDO A PESQUISA.....	14
3. A HISTÓRIA DO <i>HIP HOP</i> E OS QUATRO ELEMENTOS CONSTITUINTES ..	18
3.1 <i>GRAFITE</i>	22
3.2 MC	26
3.3 DJ, RAP	28
3.4 <i>BREAK</i>	30
4. MINHAS VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS DO HIP HOP E A ESCOLA.....	33
4.1 MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE ARTISTAS DO HIP HOP E A ESCOLA.....	37
4.2 LIVROS DIDÁTICOS NAS AULAS DE ARTES E CULTURA <i>HIP HOP</i>	44
5. PROJETO DE CURSO.....	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
<i>REFERÊNCIAS</i>	53
<i>APÊNDICES</i>	56

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as escolas determinam-se por diferentes formas de atuação e um dos desafios que tomam conta deste cenário contemporâneo é definir quem são os sujeitos que a frequentam e quais suas características sociais e culturais que trazem consigo. É no ambiente escolar que o sujeito participa e compreende as relações sociais. Assim, falar de escola me remete a falar da infância.

Por ora, cercado de lembranças, me percebo como uma criança calada e observadora. Meu pai, Silvano Luiz de Aguiar, trabalhava como autônomo. Era vendedor de roupas e bijuterias que ele trazia do Paraguai, também pintor, eletricitista, pedreiro, um homem íntegro que não escolhia serviço. Aos finais de semana, dedicava seu tempo para praticar movimentos de capoeira em frente o espelho e eu o observava fascinado. É difícil descrever a quantidade de vezes em que fui chamado atenção por meu pai para que parasse de assisti-lo e retornasse às tarefas escolares. Já naquela época, mesmo sem saber do que se tratavam àqueles movimentos, era o que mais gostava de fazer, ou seja, me perdia no tempo observando e imitando meu pai.

Com o passar dos anos, na adolescência, lembro que mesmo sem experiência, me aventurava com amigos e imitava meu pai em lugares públicos. Logo, àquela movimentação era interpretada como um problema para alguns policiais que vinham interromper nossa interação social nos chamando de “vagabundos”¹ e que deveríamos ir trabalhar. Nós éramos um pequeno grupo de adolescentes que se reuniam para interagir socialmente. Naquela época, éramos vistos pelos policiais como violadores de direitos que perturbavam a ordem pública.

A escola que eu frequentava tinha um grupo de dança que me interessava, e, ainda na adolescência, no ano de 2004, que ingressei no grupo de dança da escola João Frassetto², que fica próxima à casa onde moro até hoje, e

¹ No sentido pejorativo

² Escola João Frassetto localizada na Av. Monte Negro - Santa Luzia, Criciúma - SC, 88806-120.

inicie os primeiros contatos com a dança *Breakdance*³ através da professora Paula Gregório⁴, onde participavam adolescentes de todas as classes sociais.

Paralelo a este grupo, criamos um grupo de dança com os meninos da rua que não frequentavam a escola porque precisavam trabalhar para aumentar a renda familiar. Desta forma, fui aos poucos percebendo as diferentes identidades de grupos sociais, os que frequentavam a escola e os meninos da minha rua que não tinham esta oportunidade e pude perceber os conflitos existentes entre eles. O *breakdance* era um ponto em comum nas diferentes realidades dos dois grupos. Assim foram dois anos mergulhado na movimentação em torno da Cultura *hip hop*. Comecei a pensar na dança *breakdance* como um meio de comunicação entre o meu corpo e o meio em que eu estava inserido.

Em 2009, conheci o Grupo União Dança de Rua Unesc⁵ da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, e embora ainda não tivesse completado o ensino médio, comecei a participar com entusiasmo e dedicação. A partir deste momento, o *hip hop* passou a fazer parte do meu cotidiano. Na figura 1, o Grupo União Dança de Rua aparece participando da Festa das Etnias⁶ evidenciando a importância do uniforme largo como representação da cultura das danças do *hip hop*.

Figura 1- Grupo União Dança de Rua (2009)



Fonte: Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/blog/ver/213/7701>

³ Breakdance é a arte corporal da cultura Hip-Hop e o breaker é o artista que dá vida à dança Break. (ALVES, 2001)

⁴Paula Gregório é Professora de dança e Coreógrafa do Grupo Mult Style. Integrante da Diretoria da Associação Dança Criciúma.

⁵O grupo União Dança de Rua da Unesc foi criado em 1999 e é formado por 18 bailarinos. Desses, cinco formados, nove acadêmicos da universidade e quatro da comunidade em geral. (Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/aicom/blog/11314>)

Neste processo, me desafiando constantemente, que pretendo nesta pesquisa falar sobre a Cultura *hip hop* em aproximação as temáticas identidade, memória e movimento artístico-político e social do *hip hop* do ponto de vista Educacional. Na Cultura *hip hop*, alguns se identificam pelo meio em que vivem, outros preocupam-se com a ação social dos indivíduos que vivem a partir desta cultura, e ainda há outros que se utilizam das escolhas musicais, gestos, vestimentas e apresentações artísticas para contextualizar o dia a dia de muitos alunos na escola. Por outro lado, mesmo que haja a tentativa de representações artísticas para o fortalecimento cultural dos indivíduos, o que se percebe é que o ambiente escolar ainda se coloca distante da realidade dos seus alunos.

Conforme cita Eliane Andrade (1999, p. 10-14), isso ocorre porque “a escola é resistente a este movimento e não o vê como importante nas questões sociais e educativas, pois provém das camadas periféricas”. Assim, a busca por dar espaço ao movimento da Cultura *hip hop* nas aulas de Artes das escolas públicas, visando mudanças da realidade local de uma comunidade de periferia é um tema relevante para a compreensão dos conceitos de arte e cultura em escolas. Aqui é fundamental o conhecimento que os professores de Artes trazem sobre conceitos da Cultura *hip hop* a fim de abrir caminhos e dar espaços para o diálogo através de uma linguagem sócio educacional de “cultura urbana”.

Tecer as diversas formas da Cultura *hip hop* em aproximação as aulas de Artes no ambiente escolar é dar visibilidade àqueles que acreditam, exteriorizam, representam e assumem identidades de construção e compartilhamento cultural.

Proponho através desta temática delinear um estudo de reencontro com minhas experiências vividas que possam contribuir e elucidar outros questionamentos apresentados por uma cultura produzida e reproduzida diariamente por jovens que vivem em comunidades e que apresentam os mesmos problemas sócio-econômicos em diferentes lugares do mundo, que transportam consigo a razão por um propósito de afirmação.

2. DELINEANDO A PESQUISA

Segundo Antônio Carlos Gil (2007, p. 17), pesquisa é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”, logo, a realização de uma pesquisa é se estabelece por vários momentos e etapas que vão desde a elaboração de uma temática e respectivo problema até a explanação dos resultados obtidos, analisados e concluídos.

Para tanto, em Artes Visuais, a pesquisa está além da habitual sequência de etapas de uma pesquisa científica, pois adentramos no campo das questões relacionadas à Arte e Cultura. É importante ressaltar que enquanto a ciência se pauta em anotações e experiências em laboratórios, a arte se faz pelo processo da criação, onde as anotações são obtidas pelas experiências vividas e as palavras são descritas em uma obra de arte, ou no próprio corpo. No artigo “Por uma abordagem metodológica em artes”, a pesquisadora Sandra Rey diz que “é a experiência que autoriza o artista a ter um ponto de vista teórico diferenciado”. (REY, 2002, p.133).

Sendo assim que a análise entre teoria e prática, me desloco da posição de estudante para aventurar-me como um artista e por que não, também um pesquisador e tentarei desvendar alguns caminhos para uma pesquisa através de sensações, concepções, histórias e memórias vividas.

Minha pesquisa encontra-se na linha de pesquisa **Educação e Arte** que traz em seu ementário: Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação. Refletindo o ementário da Pesquisa Educação e Arte, meu estudo estará aliado às minhas experiências de artista e pesquisador, para a busca de respostas através de um processo de formação identitária, tomando como objeto o caminho percorrido. Nesta via de mão dupla entre teoria e prática, os conceitos absorvidos e testados, serão investigados através da teoria dos estudiosos.

O problema central desta pesquisa consiste em saber como se apresenta a Cultura *hip hop* em aulas de Artes das escolas de ensino médio e quais suas propostas de ensino-aprendizagem dentro do ambiente escolar. Trata-se de um estudo da constituição de identidades Culturais fortes do *hip hop* a partir do convívio escolar e suas implicações para o entendimento de Cultura *hip hop*, Memória da Cultura *hip hop* e Identidades do *hip hop*. Foram escolhidos para este estudo o

estudante Clóvis Sebuero Cyrille, a estudante Maria Eduarda Dias de Jesus, e Julio Cesar Gonçalves Soares. Decidi pesquisar a história destes estudantes porque são meus colegas do curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc e futuros professores de Artes.

A partir do problema escolhido, ficou estabelecido como objetivo geral do estudo compreender como a Cultura *hip hop* está presente nas aulas de Artes e Livros Didáticos das escolas de ensino médio, a fim de problematizar a construção identitária de uma Cultura Popular forte do *hip hop* e como se articulam no ambiente escolar. A partir destas reflexões, como objetivos específicos, foram estabelecidos os seguintes itens:

- Compreender os elementos que compõem a cultura *hip hop*, como se constituem e quais seus princípios filosóficos e artísticos através do tempo.
- Identificar e problematizar através de uma pesquisa de campo, a memória e história da Cultura *hip hop* e suas representações nas escolas.
- Situar historicamente a Cultura *hip hop* e refletir o conceito de Cultura *hip hop*, Memória *hip hop* e a constituição da identidade do *hip hop* e suas representações nos Livros Didáticos em Aulas de Artes dialogando com o teórico dos estudos culturais Stuart Hall, sobre os processos de construção da identidade para compreender os sujeitos identitários da Cultura *hip hop*.

Nesta pesquisa, os livros didáticos e aulas de artes assumem uma relação significativa para o desenvolvimento social e cultural dos alunos de todas as classes sociais. Portanto, ao pesquisar as representações identitárias nos livros didáticos, é relevante observar a relação sobre cultura e seu significado (HALL, 1997). O que se espera desta pesquisa é compartilhar a história da Cultura *hip hop*, lembrar e ressignificar as memórias trazidas dos sujeitos que vivem esta cultura e qual o entendimento que artistas educadores possuem para a aplicabilidade de ações culturais urbanas que utilizam a Arte para a transformação da realidade social e local.

Quanto à natureza, a pesquisa é de caráter básico por envolver verdades e interesses universais de classes sociais das periferias. Portanto, buscarei abordar acontecimentos históricos voltados para o desenvolvimento de uma manifestação cultural que me trouxeram participações e vivências artísticas no Brasil e Europa.

Em relação à metodologia, a pesquisa utiliza-se como ponto de partida os objetivos específicos acima citados. Sendo assim, começo fazendo um levantamento bibliográfico para referenciar conceitos de modo a dar suporte quanto ao entendimento da História e Memória da Cultura *hip hop*, os elementos que a compõem, e como são constituídas as ações e representações identitárias da Cultura Hip Hop, tanto vivenciadas nas aulas de Artes como suas representações nos Livros Didáticos de Artes.

Logo, optei por três estudantes que podem testemunhar e exemplificar a forma como se constituíram na Cultura *hip hop*. Durante a pesquisa, realizei com os sujeitos pesquisados entrevistas com roteiros semiestruturados, levando em consideração o trabalho memorialístico. Utilizei questionários para registrar as respostas e perceber algumas trajetórias. Após, com a autorização do uso de seus depoimentos, por meio do termo de consentimento, realizei a tematização e a organização das categorias.

A pesquisa configura-se, ainda, como qualitativa-descritiva e também de campo, pois tem por objetivo analisar e interpretar aspectos relacionados às experiências e vivências dos sujeitos e os dados obtidos, analisados e interpretados com base em discussões teóricas.

Por último, e não menos importante, falo da construção identitária dos sujeitos representantes da Cultura *hip hop* para compreender como se dá a sua representação nos Livros Didáticos de Artes. Para atingir os objetivos expostos, este estudo está estruturado e dividido nos seguintes capítulos:

No capítulo 3, apresento “A História do *hip hop* e os quatro elementos constituintes” pretendi chamar a atenção para a concepção do movimento cultural que se iniciou na década de 60 e seus quatro elementos artísticos que compõem a Cultura do *hip hop*. Foi possível dividir em quatro subcapítulos retratando cada um dos quatro elementos.

No subcapítulo 3.1 intitulado “A Arte do *Graffiti*”, apresento conceitos e explico a história do artista Vlademir Ricardo Bernardo Junior, Herok. No subcapítulo 3.2 intitulado “Mestre de Cerimônia do *hip hop*”, apresento conceitos, funções e algumas características que compõem a representação do MC. Trago também um relato de experiência do Artista Pedro Henrique Pisoni (MC) trazendo sua história dentro da cultura *hip hop*. No subcapítulo 3.3, intitulado DJ e o *Rep*, retorno à história do *hip hop* e sua cultura para relatar quem são os sujeitos desta

cultura. No subcapítulo 3.4 intitulado “⁷*Breakdance*”, explicito o *break*. Para este capítulo trago autores como Big Richard, Elaine Nunes de Andrade, Jusamara Souza, Vânia Fialho e Juliane Araldi.

No capítulo 4, intitulado “Memória do *hip hop* e a Escola”, trato das heranças culturais enquanto cultura popular urbana identificando e problematizando as representações culturais do *hip hop* em escolas. Utilizo este espaço também para testemunhar minha própria experiência como estudante bailarino e professor durante as aulas de Artes no PIBID. Neste processo acalorado de emoções descobri como a Cultura *hip hop* foi capaz de transformar minha vida. Este capítulo foi possível dividir em três subcapítulos. No subcapítulo 4.1 intitulado “Memória e Histórias de Artistas do *hip hop* e a escola, busco compreender como foram as experiências de vida dos entrevistados enquanto alunos para compreender os conceitos sobre a construção de uma identidade do *hip hop*. Para isso, busco entrelaçar um aporte teórico sobre Memória e História com os argumentos do teórico Stuart Hall para compreender a identidade e sua construção a partir de uma cultura do *hip hop*. Logo, no subcapítulo 4.2, Livros Didáticos nas Aulas de Artes e Cultura *hip hop* busquei refletir sobre as representações da Cultura *hip hop* apresentada nos Livros Didáticos de Artes em aproximação à realidade cultural e social dos alunos. Busco aporte teórico em Solange Uturi, Daniela Libâneo, Fábio Sardo e Pascoal Ferrari.

No capítulo 5, trago o projeto de curso, capítulo 6, considerações finais apresento uma síntese das principais descobertas e contribuições para o tema desta pesquisa.

⁷ ***Breakdance*** (também conhecido como ***breaking*** ou ***b - boying*** em alguns lugares) é um estilo de dança de rua, parte da cultura do Hip-Hop criada por afro-americanos e latinos na década de 1970 em Nova Iorque, Estados Unidos, normalmente dançada ao som do Hip-Hop ou de Electro.

3. A HISTÓRIA DO HIP HOP E OS QUATRO ELEMENTOS CONSTITUINTES

Estudar a cultura *hip hop* gera algumas incertezas em relação às questões sobre Cultura Popular, Cultura *hip hop* e Movimento *hip hop*. São denominações que nos fazem pensar o que é o *hip hop*? Será uma cultura? Ou uma forma de se fazer arte? Ou uma movimentação social e política? Embora bastante aprofundado nas raízes culturais negras, o tema *hip hop*, ainda não assegurou uma reflexão triade que comporte significados para Cultura *hip hop*, Memória *hip hop* e Identidades *hip hop*. Contudo, falar de *hip hop* ainda é como nos aponta Maurício Priess Costa (2005, p.1) em seu artigo “A dança do movimento *hip hop* e o movimento *hip hop* da dança”, que diz que o “*hip hop* é a junção de todas estas ideias e um pouco mais”.

Somos sujeitos atravessados de história e memória de diferentes lugares, diferentes linguagens e diferentes culturas; logo, estudar a História e a Memória da Cultura *hip hop* faz-se necessária para a compreensão da constituição de uma Identidade Cultural do *hip hop* e toda movimentação que esta cultura é capaz de produzir aos sujeitos que se identificam com este modo de viver. Refletindo sobre Cultura Popular, Stuart Hall (2016) pontua a cultura como o lugar onde as relações se estabelecem pelas trocas de experiências, vivências e sentimentos nos trazendo a sensação de pertencimento. Por ora, entende-se por Cultura Popular, o lugar onde nos percebemos como seres integrantes de uma sociedade através de nossas práticas e comportamentos. (HALL, 2016).

Levando em conta pesquisas sobre Cultura *hip hop*, estudos apontam o *hip hop* como uma ação que dá visibilidade aos grupos excluídos a partir de um corpo que se movimenta, que desenha, que canta, que expressa na Arte as dificuldades reproduzidas das diferentes classes sociais. (ALVES, 2004, p.11). Dessa forma, foi a partir de um movimento de jovens negros e “hispano-americanos” dos guetos pobres do bairro do Bronx, em Nova Iorque, no final da década de 60, que o DJ Afrika Bambaataa, nascido em 1957, registrou a maior organização social entre grafiteiros, dançarinos e “rappers”, para trabalhar com este tipo de manifestação cultural: a Universal Zulu Nation⁸. (ALVES, 2004, p.11).

⁸ O **Universal Zulu Nation** é um grupo internacional de conscientização de hip hop formado e liderado pelo artista de hip hop Afrika Bambaataa. <http://new.zulunation.com/>

No site oficial da Zulu Nation, que identifiquei como uma fonte segura para resguardar a história do *hip hop*, conta que Afrika Bambaataa, resolveu colocar nos panfletos de divulgação de uma de suas festas o nome de “The **Hip Hop** Beeny Bop” com o intuito de chamar a atenção do público. Seu companheiro, o Mc Lovebug Starski (o mesmo do DJ *Hollywood*) então começou a usar o termo para animar as festas enquanto mestre de cerimônia. Enquanto Bambaataa nomeava panfletos, seu MC popularizava uma nova forma de se fazer cultura. Desta forma, “a expressão *hip hop* teria sido lançada também por Bambaataa ainda em 1968 para descrever o movimento de ‘balançar os quadris’ durante a dança”. (ALVES, 2004, p. 12)

Bambaataa reuniu DJs, dançarinos, MCs e grafiteiros, promoveu palestras sobre diversos temas como matemática, economia, prevenção de doenças entre outros. Outro site que também nos traz algumas informações sobre o surgimento do *hip hop* e que também considero uma fonte segura é o site Portal boca da forte⁹, pioneiro ao inserir a cultura de rua do Brasil na Internet em 1999, ano de sua fundação. Neste site podemos conferir uma entrevista intitulada “Afrika Bambaataa, *hip hop*, quatro décadas de história e resistência”, a qual nos traz reflexões de Afrika Bambaataa, sobre o que é Cultura *hip hop*. Quando a jornalista Cinthia da *Zulu Nation* Brasil pergunta para Bambaataa como foi sua vida quando jovem e como era a cultura *hip hop* naquela época, Bambaataa relata:

A vida era realmente uma batalha, gangues de rua e violência por todos os lados. Mas em meio a tudo tínhamos, por exemplo, grandes professores do Islam. Pessoas como Malcom X, Louis Farrakan. Tínhamos o Partido dos Panteras Negras, Angela Davis. Tínhamos grandes cantores pela paz como James Brown, Aretha Franklin, Sly & The Family Stone, Isley Brothers, John Lennon, e tantos outros. Seja em suas músicas ou discursos, todos me ensinaram algo de bom. Algo que me auxiliou a moldar minha mente de forma positiva e tirar-me do ócio e do crime, me levando a pensar em fazer algo pelo meu povo. Na sequência também veio o grande professor Martin Luther King, o “Young Lords Party”, o movimento do Partido Porto-riquenho, tudo foi me despertando para algo maior. (Informação verbal)¹⁰

Seguindo na entrevista, constata-se que Bambaataa tem uma forte ligação com o lado espiritual e que preza organização, paz, coisas boas e positivas.

⁹ <https://www.bocadaforte.com.br/informacao/entrevistas/afrika-bambaataa-hip-hop-4-decadas-de-historia-e-resistencia>

¹⁰ Entrevista fornecida pela jornalista Cinthia da Zulu Nation Brasil, em maio de 2007.

Se preocupa com as mensagens passadas aos jovens. Quando é questionado sobre as identidades culturais e como transmitir a paz, Bambaataa relata:

Quando você se aprofunda no estudo das raízes da história você fica sabendo quem estava aqui muito antes de Colombo pisar aqui. No filme feito por Mel Gibson, chamado “Apocalíptico”, por exemplo, você não vê uma representação dos Maias com pele clara, fantasiosa. Vê homens com chapéus quadrados, cabelos rasta, com locks, pele mais escura, exatamente como realmente se pareciam as pessoas daquela época. Essa é uma representação baseada em estudos. Outro exemplo: você sabe da história de Zumbi? Você pode encontrar muita coisa nos computadores, na Internet sobre ele, mas muito poucos livros. As pessoas recebem a informação de que a cultura do povo preto começou com a escravidão, mas isso não é verdade. Assim, nós precisamos matar o racismo e mostrar a todos que pretos, marrons, vermelhos, amarelos, brancos somos todos seres humanos. (Informação verbal)¹¹

Na Figura 2, é possível perceber como Bambaataa tornou-se uma personalidade onde sua voz é escutada e respeitada por milhares de jovens do mundo todo.

Figura 2. Afrika Bambaataa em 28 de dezembro de 2016



Disponível em: <http://bocaforte.com.br/informação/entrevistas/afrika-bombaataa>

Curiosamente, percebe-se que existem muitas contradições sobre quem teria sido o primeiro a originar o nome de *hip hop* para tal ação, todavia, a verdade da existência está na compreensão do contexto cultural da cidade de Nova Iorque em meados da década de 60, bem como os princípios e criação dos quatro elementos que compõem esta cultura. São eles: *Graffiti*, MC (mestre de cerimônias), DJ e o *Breakdance*, que elucidarei nos subcapítulos cada um deles. Aqui é importante ressaltar que o surgimento de cada um deles não está atrelado a um

¹¹ Entrevista fornecida pela jornalista Cinthia da Zulu Nation Brasil em maio de 2007.

indivíduo e sim a uma construção social de um grupo ou comunidade. Para justificar esta argumentação, busco Big Richard (2005), que diz:

[...] São quatro elementos do hip hop: MC (compositor do rap), DJ (artista e técnico que mistura músicas diferentes para serem ouvidas e/ou dançadas, usando suportes como vinil, CD ou arquivos digitais sonoros para "tocar), Break Boy /ou Break Girl (B.Boy - dançarinos) e Grafiteiro. "Entre eles, as diferenças são grandes, porém todos têm um objetivo comum: a transmissão de uma mensagem consciente, relacionada com a realidade vivida em seu meio de origem [...]" (RICHARD, 2005. Pág. 38).

Desta forma, o termo *hip hop*, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado pelo DJ AfrikaBambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de *break*, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York. Bambaataa percebeu que a dança seria uma forma eficiente e pacífica de expressar os sentimentos de revolta e de exclusão, uma maneira de diminuir as brigas de gangues do gueto e, conseqüentemente, o clima de violência. Já em sua origem, portanto, a manifestação cultural tinha um caráter político e o objetivo de promover a conscientização coletiva. O uso dessa expressão ganhou o mundo, novas dimensões, e hoje, "no Brasil, designa basicamente uma manifestação cultural das periferias das grandes cidades, que envolve distintas representações artísticas de cunho contestatório". (ROCHA, et al. 2001, p 17,18).

Nos próximos subcapítulos analisarei sobre os quatro elementos que compõem a Cultura *hip hop*. Conforme mencionado, reflito conceitos, histórias e significados.

3.1 A ARTE DO *GRAFFITI*

Ainda que conhecer a arte do *graffiti* não possibilita tornar-se grafiteiro, é sobre experiência vivida, sobre a prática diária do artista grafiteiro, sobre a cultura adquirida durante uma trajetória artística que a habilidade será fundamentada e construída.

“O *graffiti* é a arte plástica expressa por desenhos coloridos nas paredes ou em qualquer outro local nas ruas da cidade, feitas com *spray*, rolinho e pincel. Diferente da “pichação”, que se resume apenas em deixar sua marca, “o grafite é utilizado tanto como uma forma de expressão artística como também uma manifestação para novos sentidos, novos olhares e novas ideias.” (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2005, p. 14)”.

Segundo Ganz (2004) “a palavra grafite deriva da palavra italiana *sgraffito* – rabisco, ranhura e afirma a existência do grafite desde os primórdios da humanidade”. No início, o *grafitti* era utilizado somente para delimitar espaços onde as gangues pintavam os muros da cidade para identificação de suas “tribos” e para expressarem suas dificuldades. Até que o grafite fosse reconhecido como uma forma de expressão artística, muitos grafiteiros foram espancados, presos e denominados como “perturbadores da ordem” (SOUZA, 2011, p.76). No entanto, continuaram a buscar formas de se afirmarem como artistas através de uma arte revolucionária. Com o passar dos tempos, muitos têm sido convidados a pintar espaços públicos, expor seus trabalhos em galerias, enfim, a formar pontos de união e divulgação da cultura *hip hop* como marcação territorial.

Para argumentar e exemplificar como o *grafitti* é importante na vida do sujeito, explico aqui, um pouco da história do artista Vlademir Ricardo Bernardo Junior. Com enfoque dialético e na pele de um pesquisador iniciante, utilizei-me de entrevista conforme mencionada na metodologia para documentar dados empíricos que me trouxessem a clareza das experiências vivida por outros. Vlademir Ricardo Bernardo Junior, popularmente conhecido como Herok é natural de Itajaí, residiu em Portugal por 10 anos onde iniciou sua carreira com o grafite aos 25 anos. Atualmente, Herok reside em Criciúma e ministra oficinas em projetos sociais e particulares, e também desenvolve vários trabalhos, entre eles de grafite nos quais se reúnem artistas de várias partes do Brasil em eventos nacionais.

Herok comenta que para ele o grafite foi um meio de superar a exclusão social e a discriminação que passou em sua infância. Ele acredita que há muito mais pessoas como ele em nossa sociedade. Herok nos diz:

Vivemos numa sociedade disputada, agitada e caótica. É na escola, por meio de oficinas extracurriculares ou aulas de artes, que abraço o *grafitti* como uma tentativa de envolver alunos e comunidade para vencer desafios. Isso não significa que todos os desafios serão vencidos, uma vez que, devido ao custo de sua produção, muitos não têm como expressar sua arte de forma socialmente legitimada.

Há de se sustentar o argumento tal como Souza, Fialho e Araldi (2005, p.13) afirmam: “colocando-se como contraponto à miséria, às drogas, ao crime e à violência, o *hip hop* busca interpretar a realidade social”. Complementam quando pontuam que o “seu objetivo é justamente encontrar saídas e fornecer uma alternativa à população excluída”. (SOUZA, FIALHO E ARALDI, 2005, p.13).

O *Grafitti* apresenta-se nas mais diferentes formas, pois o efeito plástico varia de acordo com a presença de estilos gráficos pessoais de cada artista. Sendo assim, procurei considerar o conhecimento produzido e a experiência adquirida do artista no projeto “Grafitando os Muros da Escola” depois que seu trabalho ganhou visibilidade nas ruas de Criciúma enaltecendo a importância cultural do *Grafitti*.

O projeto foi realizado na Escola de Educação Básica Toneza Cascaes, de Orleans, iniciado na tarde do dia 26 de junho de 2017. A ideia do projeto era simples e inovadora, onde alunos do Ensino Fundamental e Médio estamparam os muros da escola durante as aulas de artes. O Objetivo era tornar a escola mais bonita e atraente unindo conhecimento, aprendizado, artes e história da cultura *hip hop* através do elemento artístico Grafite.

Sendo assim, é possível observar na figura 3 como Herok acentua seus traços no Grafite e utiliza o colorido de cores vibrantes. Na figura 4 podemos observar como os alunos desenvolveram o trabalho de forma construtiva e prazerosa e na figura 5 podemos conferir Herok palestrando em um evento do TEDx¹² usando o formato de conferência, de forma independente por uma comunidade local onde o artista fala de História, Memória e Identidade da Cultura *hip hop*.

¹² TED é uma organização sem fins lucrativos dedicada ao lema “ideias que merecem ser compartilhadas”. Começou há 26 anos como uma conferência na Califórnia, e, desde então, o TED tem crescido para apoiar ideias que mudam o mundo através de múltiplas iniciativas.

Figura 3 - Grafite do artista Herok no muro da Escola Toneza Cascaes (20/09/2018)



Fonte: Disponível em: <https://www.destaqueul.com.br/escola-de-orleans-alia-arte-e-conhecimento-em-projeto-inovador/>

Figura 4 - Alunos grafitando os muros da Escola Toneza Cascaes/Divulgação 21/09/2018



Disponível em: <https://www.destaqueul.com.br/escola-de-orleans-alia-arte-e-conhecimento-em-projeto-inovador/>

Figura 5. O Herok palestrando.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8oSimA0RbT4>

Ao longo da história da Cultura *hip hop*, surgiram mais formas de comunicação que marcaram este movimento urbano. Carregada de história, apresento os MCs, Mestres de Cerimônia do *hip hop*.

3.2 MESTRE DE CERIMÔNIA DO HIP HOP (MC)

Além do *Graffiti*, outro elemento relevante da cultura *hip hop* são os Mestres de Cerimônia com suas influências positivas sobre os jovens excluídos. Os MCs, como são abreviadamente citados, criaram um estilo próprio de se vestir, falar, e se pronunciar para a comunidade. Características estas que auxiliaram a difusão dos valores culturais do *hip hop*. Por exemplo, em um evento de *hip hop* ou campeonato de *hip hop* o mestre ou a mestra de cerimonia procura passar mensagens do cotidiano e do meio em que se vive, utilizando sua voz para explanar questões sociais político e culturais.

O Mestre de Cerimônia é o porta-voz que relata, através de articulações de rimas, os problemas, carências e experiências em geral dos guetos. Por sua vez, não só descreve, mas também lança mensagens alertando e orientando, sempre com a função de animar a festa e contribuir com as pessoas para se divertam. “Muitos MCs no início do *hip hop* passavam recados, serviam de interlocutores de cantadas ou simplesmente animavam as festas com algumas rimas.” (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2005, p. 21). O MC é hoje o cantor do rap e utiliza em suas músicas um “vocabulário acessível com intuito de informar e ampliar a consciência da sociedade para realidade em que vive.” (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2005, p. 21).

Os MCs atuam juntamente com os DJ que irei explicitar a seguir, contudo, foi a partir do momento em que deixaram de ocupar um papel de coadjuvante dos DJs que os MCs puderam desenvolver “rimas” para além de gírias, com métricas diferenciadas, aproveitando a sua linguagem e identidade para a criação de uma personalidade da cultura *hip hop*. Para argumentar e exemplificar a importância dos MCs, trago aqui um pouco da história do MC, Pedro Henrique Pisoni Alano, nascido na cidade de Criciúma, de 23 anos. A entrevista foi realizada no dia 17 de outubro de 2018. Ao perguntar sobre o primeiro contato de Pedro e como descobriu-se um MC, ele argumenta:

Meu primeiro encontro com a cultura *hip hop* foi aos meus 13 anos de idade, onde na escola, E.E.B. João Frassito eu estudava e uma professora à qual eu admirava muito, veio a óbito. Então, eu compus uma música a ela e apresentei para a escola toda. Desde então, me identifiquei muito com o Rap, e estou até hoje correndo em prol dessa cultura que envolve muito do meu amor. Compreendo que a missão do MC é levar uma mensagem para as comunidades, fazendo com que elas enxerguem o que o sistema está

fazendo com nosso povo. A partir desta compreensão, comecei a compor e enxergar o mundo com outros olhos.

Figura 6 – Representação do MC Pedro Henrique Pisoni Alano



Fonte: Acervo do pesquisador.

Assim, para dar base e teorizar a importância dos MCs, lanço os olhares para os DJs que argumentarei no próximo subcapítulo.

3.3 DJ E O *RAP*

“Antes de comentar sobre os DJs, é relevante esclarecer sobre o que se entende ser o *Rap* que é um complemento para o elemento artístico do *hip hop*, que é o DJ.” (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2005, p.21). Todavia, o *Rap*, em sua tradução literária *rhythm and poetry*, representa o ritmo e a poesia que irão dar suporte ao DJ. Para tanto, “a palavra rap é a abreviatura de ritmo e poesia, nasceu da rua para rua, com uma temática ligada ao social contemporâneo” (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2005, p.21).

Acompanhando a história da cultura *hip hop*, o autor Big Richard (2005), acrescenta que “DJ é artista e técnico que mistura músicas diferentes para serem ouvidas e/ou dançadas, usando suportes como vinil, CD ou arquivos digitais sonoros” para tocar. Desta forma, o DJ e o *Rap* vivem em total sintonia.

Os primeiros DJs surgiram na Jamaica na década de 60 através da reprodução do ritmo para as raízes musicais jamaicanas, entre elas, está o reggae. “Os DJs trabalhavam o disco vinil de forma suave, com uma rotação menor para que a voz do interprete parecesse em desaceleração contínua ou com paradas em frações de tempo”. (CONTADOR E FERREIRA, 1997, p.30-31). Também utilizavam a colocação de câmera com eco ao fundo. Estes processos eletrônicos na música começaram a ganhar novos contornos, era uma intervenção que passou a ser denominada de “dubbing” (dublagem). (CONTADOR E FERREIRA, 1997, p.30-31).

De forma habilidosa, os DJs (*disc-jockeys*), no bairro do Bronx, em Nova York, organizavam festas e trabalhavam as mixagens em aparelhos em toca discos de vinil como podemos conferir na figura 7.

Figura 7- DJs “Old-school *hip-hop* block party mix part” (1982)



Disponível em: <http://.youtube.com/watch?v=SDA5xj-Yp98>

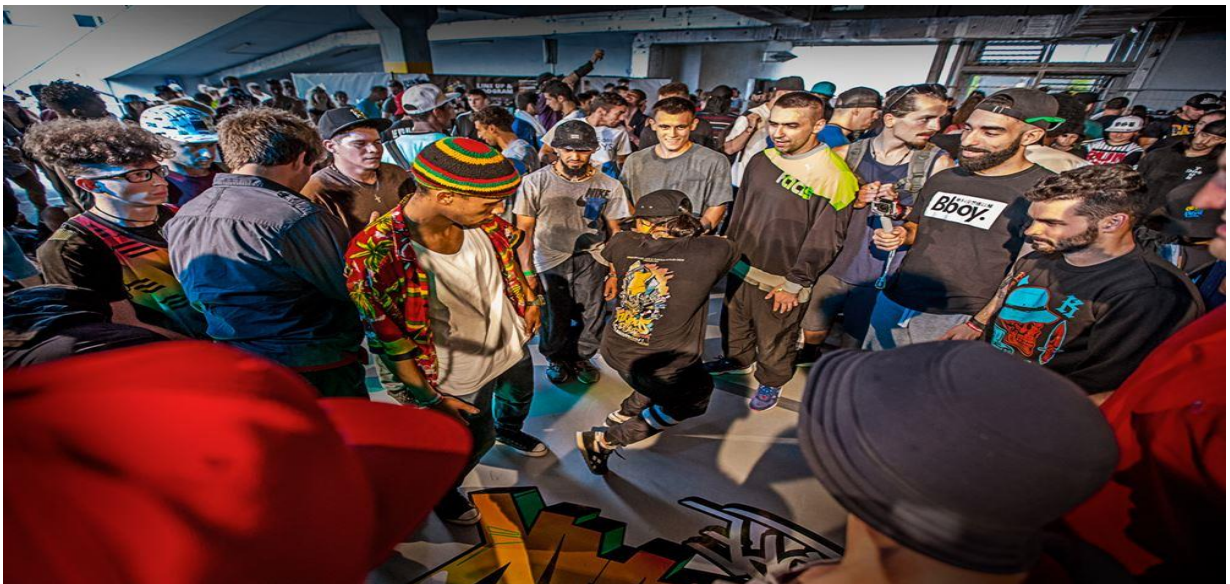
No próximo momento, serei, ao mesmo tempo, ator e pesquisador, pois analiso minhas próprias experiências em relação ao período em que como dançarino de “*Breakdance*”, e testemunho como me constituí a partir da Cultura *hip hop*.

3.4 BREAKDANCE

Levando em consideração a história do *Breakdance*, novas descobertas e novos conhecimentos surgem a cada instante. Souza, Fialho e Araldi (2005, p. 14) definem “o *break* como a expressão física que do *hip hop* que tem como característica marcante gestos “quebrados”. É uma dança praticada em roda, onde os dançarinos “b-boys” e “b-girls” mostram uma variedade de passos.

O break foi um dos elementos que contribuiu por meio de suas formas rítmicas, para que os DJs criassem bases apropriadas para combinar com as “quebras” dos breaks. Segundo (FERREIRA, 1997, p. 44, 45), “o *break* vai muito além de uma dança, pois é uma batalha entre dançarinos geralmente em círculos formado espontaneamente”. A entrada do “b-boys” ou “b-girls” ao círculo anuncia o desafio proposto para outro dançarino, e lá, ele executa sua performance acompanhando o ritmo que determina a quebra do seu corpo, e ao sair, representa afrontar e amedrontar” o dançarino que será seu desafiante. Na fig 8, demonstro como são os círculos de batalha da dança breaking, onde pode-se observar como o enfrentamento se dá entre os bailarinos de *breakdance*.

Figura 8- Banska Bystrica, Slovakia, roda de dança *breakdance* (25/07/2016)



Disponível em: <https://thelegitsblast.com/en/gallery-2016/>

O *Breakdance* é a presença da dança em corpos mestiços, é justamente um ponto de convergência da nossa natureza humana e a cultura em que vivemos.

Um momento determinante da minha vida foi quando recebi em 2011, um prêmio de reconhecimento pelo MINC (Ministério Nacional da Cultura) com valor em dinheiro, por destacar-me nas batalhas de *breakdance*, me joguei de mochila nas costas e comecei a viajar para várias partes do Brasil em busca de informação sobre uma cultura que me acolhia e significava como um indivíduo pertencente à uma sociedade. Assim, a Cultura *hip hop* não foi um simples acaso em minha vida e sim um caminho de “re-descoberta” de uma cultura popular que me ressignifica cada vez mais como indivíduo pertencente à uma sociedade.

Entre as modalidades da Cultura *hip hop*, a que mais me aproximei foi o Breakdance, pois *Break* uma abreviação de *breakdance* é uma palavra inglesa que significa quebrar. Assim, ao som da batida do DJ, as quebras acompanham o ritmo da música. O *breakdance* é uma forma de expressão competitiva no *hip hop*, com movimentos dançantes e acrobáticos que exigem muita técnica durante a performance. São diversos os movimentos.

Muitas vezes, com o corpo apoiado apenas na cabeça ou nas costas, os movimentos das pernas tipo moinho de vento ou o arrastamento dos pés também marcam o carácter competitivo. Em uma batalha de *breakdance*, o objetivo é derrotar o adversário sendo o mais criativo e inovador possível. Esta modalidade de dança espalhou-se entre o mundo basicamente como uma manifestação periférica das grandes cidades do Brasil, e de Nova Iorque, que por volta do final da década de 70, respondiam à opressão social com violência brutal e o confronto armado. Para complementar a história do *breakdance*, Souza (, 2011) argumenta:

[...] Desde que chegou do Brasil, no final de 1980, a cultura hip hop tem-se mostrado cada vez mais complexa, congregando várias correntes ou tendências entorno dos modos de atribuir sentidos, ver e agir sobre a realidade. Uma dessas vertentes concentra-se em atividades revestida de carácter contestatório e produtivo que tematizam, do ponto de vista político, as precárias condições de vida de grande parte da população. Isso significa se rapper: acima de tudo, disseminar as narrativas do cotidiano ao mostrar como vivem as pessoas, quais são seus sonhos, necessidades e formas de enfrentar os problemas, individuais ou coletivamente. (SOUZA, 2011, p.16).

O *breakdance* pode ser considerado ao mesmo tempo uma mistura de capoeira, nossa cultura brasileira de origem africana, também, nos remete criar coreografias do estilo musical do cantor James Brown. Suas batalhas lembram os rituais de sociedades jovens querendo mostrar coragem e habilidade corporal para os adultos, e acima de tudo, fazer parte de um contexto cultural.

A breve história da Cultura *hip hop*, apresentada acima, abordando os elementos do *hip hop*, seus aspectos culturais, assim como algumas heranças culturais, são importantes para a compreensão de que lidamos com histórias de vida, experiências vividas e heranças culturais. Tendo em vista as tensões de uma arte que se manifesta em meio a batalhas e tentativas de reconhecimento, parti para o próximo capítulo, onde tentarei salvaguardar as Memórias do *hip hop* e como é vista e desenvolvida nas Escolas. Por este viés, atando e desatando nós ao longo do tempo, vou elucidando conceitos, traçando metas, evocando minhas próprias lembranças e ressignificando reflexões que trazemos para nossas vidas.

4 MINHAS VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS DO HIP HOP E A ESCOLA

Sendo assim, falar de memória significa falar de lembrança e tempo vivido. Primeiro recorreremos às nossas lembranças e logo, buscamos as lembranças do outro com a intenção de fortalecer um fato, ou um acontecimento vivido em comum. Dessa forma, podemos perceber que nossas lembranças também fazem parte da vida do outro. (HALBWACHS, 2006).

Por este viés, nossas lembranças são da mesma forma, individuais e coletivas. Para que nossas lembranças sejam coletivas, é preciso que um acontecimento signifique alguma coisa para nós enquanto seres pertencentes a um grupo em comum, por exemplo, como o tempo de escola em que indivíduos da mesma idade frequentam os mesmos lugares, séries e assim por diante. A escola é responsável por grande parte da memória social e cultural de uma comunidade porque ela representa toda aprendizagem e conhecimento juvenil. As experiências com o grupo, as disciplinas e os materiais didáticos ganham significação para nossas vidas. Portanto, podemos considerar a escola como um lugar de memória.

Sendo assim, é fundamental repensar a escola como um espaço de formação social e cultural, permeado de práticas pedagógicas e abordagens de temáticas. Todavia, a escola também é um lugar permeado de conflitos culturais devido as diversidades étnicas e culturais. Conforme cita Vera Maria Candau (2013, p.35), é relevante "favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos disponíveis na comunidade escolar e na sociedade". Neste contexto, trabalhar a Cultura *hip hop* é uma forma de valorizar as expressões culturais juvenis nos espaços urbanos das cidades.

Segundo Halbwachs (2006) a "intuição sensível", é quando conseguimos ter a sensação de que o fato nos ocorreu no passado da mesma forma que aconteceu a outra pessoa e nos é recordado através de imagens, objetos e relíquias capazes de evocar lembranças que nos identificam. Do ponto de vista escolar, trabalhar o *graffiti*, a dança *breakdance*, e outros elementos da Cultura *hip hop* é uma forma de trazer à tona a história de nossas heranças culturais étnico raciais. A inclusão do movimento *hip hop* é uma maneira de abrir caminhos para diferentes contextos históricos.

Boa parte de minha formação enquanto dançarino de *hip hop* foi em lugares ricos de possibilidades e ações educativas, contudo, o olhar de educação escolar que trago aqui vai para além da escola durante o ensino médio.

Neste contexto, muitas das lembranças que trago são a partir de 2011, quando entrei no grupo O Stil Contact, formado no ano de 1999. O Stil Contact é um grupo formado pelos b-boys e dançarinos, Edinho, Harry Stil, Dinho Stil, BonnesStil, e Rafael, que são da cidade de Curitiba (CWB) e Fernandinho de Criciúma (SC). Curitiba é uma cidade que tem uma cena de break muito forte, mesmo sem grandes incentivos como em outros locais do Brasil. Após, em 2013, com determinação em relação sobre importância da educação e cultura na vida do cidadão, retornei para Criciúma e resolvi entrar para Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) cursando Artes Visuais. Assim, as lembranças sobre minha história de vida foram o ponto de partida para a busca do entendimento de alguns estudiosos trazem de Memória e conseqüentemente, por que não refletir, enquanto futuro educador, sobre a Memória do *hip hop* e como ele é apresentado nas Escolas.

Os movimentos da dança breakdace aprendidos na escola e posteriormente aperfeiçoados, hoje fazem parte de minhas Memórias Culturais porque, através dos movimentos de dança *breakdance* que tive a oportunidade de viajar para Europa representando o Brasil e o curso de Artes Visuais. Conheci dançarinos de todas as partes do mundo e as imagens aqui publicadas, em sua maioria, são do meu arquivo pessoal para um processo de resgate espontâneo de memória, da trajetória de vida a partir das vivências com outros dançarinos. Desta forma, os elementos constituintes do *hip hop* abrem espaços para a produção em conjunto de autoconhecimento, histórias de vida e memórias compartilhadas.

Para fundamentar esse argumento, busco Ecléa Bosi (2009, p. 39), que observa que: “a memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento [...]. Lembrança puxa lembrança e seria precioso um escutador infinito” Ecléa considera memória como trabalho, e assim delinea:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 2009, p. 55)

Em janeiro de 2016, recebi novamente o convite para ir à Curitiba, desta vez para participar do grupo de dança *Stilcontact Break* e competir em uma eliminatória chamada *Marseille Battle Pro* que iria acontecer em fevereiro em Goiânia. Como premiação, ganharíamos passagens para a França, com todas as despesas pagas. Fomos campeões e em março tive uma grande experiência no exterior. Fui representar o Brasil na França. Logo, os conhecimentos adquiridos no curso de Artes Visuais fortaleceram minha visão como artista performer. Busquei na graduação e nos livros didáticos, a história do *hip hop*, do *Graffiti*, e os conhecimentos para além dos passos de dança. Me percebi com passos inovadores de uma cultura que era minha, refletida a partir do meu íntimo e transformadas em expressão de uma Cultura que me foi apresentada ainda em tempo escolar. Na figura 9, podemos ver uma parada de “freeze”, que significa congelar na França, diante da “Torre Eiffel”.

Figura 9 - Competição na França/2016



Fonte: Acervo do pesquisador.

No dia 25/07/2016, tive mais uma experiência internacional que compôs meu currículo como estudante/artista. Recebi uma carta convite do organizador do evento, *Outbreak Europa*, competição internacional anual de *B-Boy*, organizada pela produtora de streetwear e produção de vídeos, *The Legits e The Bboy Spot Europe*,

que acontece em Banska Bystrica, na Eslováquia, durante a última semana de julho. A competição inclui batalhas de *breakdance* em 5 ou mais categorias batalhas de dança 2 vs 2, 1 vs 1 1vs 1 *Bgirl*, 1 vs 1 *Kids*, *Cypher Kings* e batalha de grupo, *Rep Your Country crew battle*. Este evento de 3 dias é notável pela sua singularidade em apresentar todos os quatro elementos de *hip hop*. Fui convidado para representar o Brasil entre 65 países na Eslováquia. Quando retornei para o Brasil, considerando a importância desta viagem para minha vida, documentei minha experiência e fui aprovado para apresentar o estudo no evento científico da Universidade na VII Semana de Ciência e Tecnologia UNESC, realizada no período de 17/10/2016 à 21/10/2016. relatei toda a minha trajetória e as memórias de experiências vividas e conhecimentos adquiridos ancorados na cultura do *hip hop*. Apresento aqui o relato desta experiência.

Em agosto de 2016 competindo com mais de 360 participantes dançarinos do mundo todo no campeonato Outbreak Europa fui eliminado durante a pré-seleção do campeonato, porém destaquei-me no evento e consegui uma carta convite para participar do Super Funk BlockParty, faltando 14 dias para o evento, para me manter na Europa participei de apresentações em pontos turísticos da cidade de Amsterdam, desta forma consegui participar do evento e ir para final com o dançarino Kid Colombia da Holanda obtendo o segundo lugar dentre 160 (cento e sessenta) participantes de vários países durante esse processo de viagem internacional ressignifiquei minha identidade corporal, agregando movimentos de capoeira, dança Afro-Brasileira, samba entre outros elementos que foi o diferencial em minhas performances. Fonte financiadora: PROPEX – UNESC – DCE. Informação verbal do pesquisador.

Embora, no Brasil, as culturas populares ainda caminham a passos lentos, as experiências que trago como participante do PIBID, (Programa institucional de bolsa de iniciação à Docência) no ano de 2017, me mostrou que a educação e as artes, embora áreas distintas possam fazer parte de um mesmo contexto. Para minha surpresa, os professores de Artes de duas escolas do município de Criciúma buscam na Cultura *hip hop* o conhecimento da história, da memória, os seus elementos artísticos, como por exemplo, o *graffiti* em muros e a dança *breakdace*.

Os escritos que seguem foram elaborados com base principalmente em relatórios, entrevistas e documentos oficiais compartilhados dos estudantes entrevistados com este pesquisador.

4.1 MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE ARTISTAS DO HIP HOP E A ESCOLA

Neste subcapítulo, trago as lembranças do tempo de alunos dos três entrevistados estudantes da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, UNESC, para compreender quais as transformações que a Cultura *hip hop* é capaz de trazer aos sujeitos como cidadãos pertencentes à uma sociedade. Os um dos três estudantes é de países diferente. Pretendi refletir sobre a memória, entendendo-a como via de significação da constituição do artista da Cultura *hip hop*, apresentando desdobramentos e reflexões que para mim foram de encontro com minhas próprias lembranças de vida. Muitas das experiências trazidas dos estudantes entrevistados eram também por mim vivenciadas em no meu tempo de escola e após como acadêmico do curso de Artes Visuais.

Para tanto, entrelaçando com os estudiosos de Memória e História, busco aporte teórico no estudioso jamaicano Stuart Hall para base de minha pesquisa reflexiva para compreensão das questões relacionada sobre a construção da identidade cultural do *hip hop* na vida destes três artistas e futuros educadores a partir do tempo escolar.

Para Le Goff, o conjunto de lembranças, memórias e testemunhos nos proporciona a pluralidade para a compreensão de que a construção da “história pode fornecer explicações através do acontecimento, com o acontecimento” (1986, p. 22). Sendo assim, ao estabelecer a aproximação entre história e memória do as lembranças dos estudantes aqui entrevistados despertaram em mim pensamentos e sentimentos que, compartilhados, permitiram um olhar diferente sobre a construção identitária da Cultura *hip hop* que se ressignifica a cada momento desta escrita.

É importante relatar que a entrevista é trabalho e não uma descrição de questionário informal. Por este motivo, as nos questionários foram utilizados os mesmos roteiros com questões semiestruturadas, abertas e fechadas, e descritas após o termo de consentimento dos entrevistados.

O primeiro entrevistado, Clóvis Sebuo Cyrille, de 22 anos, nascido no Congo República Democrática, atualmente estudante da Universidade do Extremo

Sul de Santa Catarina, vive e estuda em Criciúma, cursando a 4º Fase do Curso de Artes Visuais Licenciatura. O questionário foi aplicado no dia 27/09/2018.

Figura 10- Entrevistado, Clóvis Sebuo Cyrille



Fonte: Acervo do pesquisador.

A segunda entrevistada, Maria Eduarda Dias de Jesus, 18 anos, Etnia Africana, nascida no Brasil, atualmente estudante da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, vive e estuda em Criciúma, cursando a 4º Fase do Curso de Artes Visuais Licenciatura. O questionário foi aplicado no dia 25/09/2018.

Figura 11- Entrevistada, Maria Eduarda Dias de Jesus



Fonte: Acervo do pesquisador.

O terceiro entrevistado, Júlio Cesar Gonçalves Soares, de 24 anos, nascido no Brasil, vive e estuda em Criciúma, atualmente estudante da Universidade

do Extremo Sul de Santa Catarina, cursando a 8º Fase do Curso de Artes Visuais. O questionário foi aplicado no dia 03/10/2018.

Figura 12- Entrevistado, Júlio Cesar Gonçalves Soares



Fonte: Acervo do pesquisador.

Os três entrevistados possuem experiências e vivências da Cultura *hip hop* na escola e com o Curso de Artes Visuais Licenciatura. O que se espera destas entrevistas e estudo é que a aproximação dessas vivências compartilhadas possa acrescentar quanto ao entendimento de uma cultura construída por indivíduos marcados pela pluralidade de heranças culturais.

A partir da familiaridade e do conhecimento do pesquisador com os estudantes entrevistados, estabeleceu-se uma relação espontânea para a busca da verdade nos depoimentos. Conforme Ecléa Bosi (2009, p. 55), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. A autora completa:

Por mais nítida que nos pareça uma lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 2009, p. 55).

Clóvis Sebuo Cyrille relata que seu período escolar no ensino fundamental e médio no Congo, foi normal, como muitas pessoas esperam que seja.

Clóvis relata:

Estudei em escola particular de padre chamada “College Muvanga” até o sétimo ano, após, também em escola de padres, porém um colégio interno chamado College Saint Paul. O ensino das aulas de Artes tinha uma tendência pedagógica mais liberal tradicional que progressiva na época, mas o conhecimento sobre a própria cultura nacional e a diversidade cultural africana era muito forte. No ensino médio, tínhamos um ensinamento mais global, e acho mais aprofundado em alguns pontos em relação aqui no Brasil e vários outros países do mundo.

Maria Eduarda Dias De Jesus que seu período escolar no ensino fundamental e médio, foi extremamente tradicionalista, com métodos de reprodução, poucas trocas entre professor e aluno. Maria Eduarda comenta:

Em relação as aulas de Artes, os métodos eram simples e convencionais com apresentação de conteúdo, assimilação e reproduções similares ou parodiadas. Lembro que as atividades de reprodução, por exemplo, obras como Abapuru e o grito, massificação de slides e muitos desenhos, durante todo o processo de ensino. As coisas mudaram um pouco no terceiro ano do ensino médio, onde tive contato com a Arte de diferentes suportes, onde trabalhou-se a fotografia e o desenho, colagens e estêncil.

Júlio Cesar Gonçalves Soares testemunha que seu período escolar no ensino fundamental e médio do ensino fundamental foi realizado em escola pública do município no bairro Miller. Argumenta que este período os processos de ensino aprendizagens não foram muito bons. Júlio comenta:

Em algumas disciplinas o ensino era cobrado em alguns momentos e outras não. Algumas disciplinas como de Artes, Ed. Física, Sociologia, Filosofia, eram tão largados que eram considerados pelos alunos como horários para atividades recreativas. Na verdade, ocorriam constantes trocas de professores que pesava bastante pra gente no aprendizado, pois quando estávamos nos acostumando com um professor, logo era substituído por outro. No ensino médio fui para uma escola privada. No início do primeiro ano foi um choque de realidade, pois os costumes, o ensino e o aprendizado eram muito mais rígidos e julgo dizer que o ensino foi realmente muito melhor. Até eu começar a pegar o ritmo, levou um tempo, mas quando consegui acompanhar o ritmo dos colegas, meu aprendizado foi sensacional. Passei a melhorar meus pensamentos, passei a ter mais amigos que compreendiam a pluralidade cultural existente no âmbito escolar.

Como explica Hall (2002), somos todos sujeitos de uma cultura herdada. Todavia, se toda a ação social é também cultural, as transformações do tempo modificam a cultura, oportunizando aos sujeitos a ressignificação.

No ato de rememorar, os entrevistados comentam e descreveram sobre os espaços de memória escolar e fazendo um comparativo do tempo vivido. Portanto, como é necessário refletir sobre a relevância destes lugares para a contribuição cultural que trazemos como sujeitos pertencentes de uma sociedade.

Hall (2003, p.74) nos acrescenta que “o hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados”. “Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade” (HALL, 2003, p. 71).

Clóvis compartilha que seu primeiro contato com a cultura Hip Hop na África foi no seu colégio interno, Saint Paul, os alunos tinham contato de rap, break dance, desenhos etc. Ele comenta que viveu em uma sociedade onde as pessoas se envolviam no hip hop. Em relação suas aulas de Artes argumentam:

Eu lembro sempre de desenhar. O desenho sempre foi uma de minhas paixões, mas também estudávamos sobre Artes locais e o Hip Hop se fazia presente.

Maria Eduarda compartilha que seu primeiro contato com a cultura Hip Hop foi em casa, assistindo a filmes de dança, e ouvindo rap. Assim, despertou o interesse para aulas particulares onde procurou se inserir, em grupos de dança, movimentos relacionados a dança de rua, batalhas de rima e o *pixo*¹³, principal presença no seu dia a dia, sobre as aulas de Artes ela argumenta:

Lembro-me vagamente de um contato tardio na escola, e admiro também ter sido bem meia boca, já que as pessoas que se propuseram a levar apresentaram de maneira ruim e pouco representativa.

Júlio comenta que seu primeiro contato com a cultura *hip hop* foi oito anos atrás, logo que mudou para criciúma teve contato pessoal com o Grafite, *pixo*,

¹³ Pixo é o mesmo que "pichação", ato de escrever ou rabiscar sobre muros, fachadas de edificações, asfalto de ruas ou monumentos, usando tinta em spray aerossol, dificilmente removível, estêncil ou mesmo rolo de tinta. <https://www.dicionarioinformal.com.br/pixo/>

Lambe¹⁴ - lambe. Ele conta que logo começou a frequentar eventos que promoviam batalhas de *hip hop* e rima, entre outros. Porém, o conhecimento um pouco mais aprofundado veio quando iniciou Artes Visuais na Unesc e conheceu o Fernandinho K Stil, que passou a admirar muito pela cultura *hip hop* que lhe apresentava. Quanto suas aulas de Artes ele comenta.

Minha experiência nas aulas de Artes foram todas horríveis. minhas memórias são o de releituras atrás de releituras, de desenho livre, demais para meu gosto, sem objetivos aparentes. Era uma disciplina aguardada para agitar na sala e não pelo que levaríamos como bagagem de aprendizado cultural. A única mulher Artista que me foi apresentada foi a Tarcila do Amaral, que mais estereótipo e clichê que isso, impossível. Passei a gostar de artes e integrar o meio artístico após vir morar em criciúma há oito anos atrás, quando conheci Artistas e pessoas que me adentraram cada vez mais ao meio fazendo com que o gosto pela Arte se aflorasse cada vez mais.

Pelos testemunhos dos entrevistados podemos constatar que eles estão sempre acompanhados de identificação. Desta forma, conforme Hall (2002, p. 106).

[...] A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do “mais que um”. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2002, p. 106).

Assim, somos plurais e singulares ao mesmo tempo porque somos seres pertencentes a um grupo social que nos identifica através de uma formação cultural construída. Os costumes, hábitos, modos de vida, por meio dos processos inconscientes, sempre em transformação, nos identificam. Somos sujeitos atravessados por linguagens culturais e é pelas diferenças que nós nos descobrimos como sujeitos. (HALL, 2003, p.26). Acrescenta Hall (2003), que “questões geradas pela diáspora são questões que refletem tanto nas artes quanto na cultura”. Portanto, a identidade de um “sujeito imaginado está sempre em jogo” (HALL, 2003, p. 26).

Antes o sujeito apresentava apenas uma identidade, uma maneira de pensar ou agir. Com a quantidade de informações e culturas herdadas, trazemos à

¹⁴ O lambe-lambe é uma técnica ligada ao grafite. Uma vertente da arte de rua que utiliza cartazes como intervenção urbana. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lambe-lambe_art

tona o que muitos filósofos chamam de crise de identidade. HALL (2001, p 9) acrescenta:

[...]. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, tinham nas fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas informações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia de nós próprios como sujeitos integrados” (HALL, 2001, p. 9).

Acontece claramente em nossa sociedade, quando as pessoas recebem informações de sociedades e nações de todos os lugares do mundo em seus celulares, através das redes sociais e começam a mudar seus modos de se vestir, de comer, de se comportar nos lugares onde se apresenta. Ao nos definirmos, muitas vezes dizemos que somos brasileiros, americanos, argentinos, etc., mas isso só se encaixa de forma metafórica. Pois essas identidades não estão diretamente ligadas aos nossos genes. Mas as pensamos como se fizessem parte de nossa identidade.

Toda história que é contada, é capaz de nos conectar com um passado que é parte de nossa identidade como nação, mesmo formado por diversas culturas, vamos nos modificando e conseqüentemente moldados com as características vividas ao nosso redor. Desta forma, apresento a seguir, como as representações da Cultura *hip hop* são apresentados nos livros didáticos de Artes.

4.2 LIVROS DIDÁTICOS NAS AULAS DE ARTES E CULTURA *HIP HOP*

Os livros didáticos são um importante documento impresso utilizado por professores e alunos. São através dos livros didáticos que os conhecimentos históricos são adquiridos, transmitidos e abordados. Como um produto cultural histórico, os livros didáticos trazem um imaginário coletivo de autores e formadores de ideias e opiniões. Sendo assim, pela infinidade de funções, Alain Choppin (2004, p. 553), diz que:

Função ideológica e cultural: é a função mais antiga. A partir do século XIX, com a constituição dos estados nacionais e com o desenvolvimento, nesse contexto, dos principais sistemas educativos, o livro didático se afirmou como um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes. Instrumento privilegiado de construção de identidade, geralmente ele é reconhecido, assim como a moeda e a bandeira, como um símbolo da soberania nacional e, nesse sentido, assume um importante papel político. Essa função, que tende a aculturar – e, em certos casos, a doutrinar – as jovens gerações, pode se exercer de maneira explícita, até mesmo sistemática e ostensiva, ou, ainda, de maneira dissimulada, sub-reptícia, implícita, mas não menos eficaz (CHOPPIN, 2004, p. 553).

Levando em conta todas as considerações em relação aos livros didáticos, quando apresentam os assuntos relacionados à Cultura *hip hop* no Brasil, encontramos as impressões de um movimento sócio-político - cultural de forças populares. Pesquisas apontam que letras musicais, com as rimas do *Rep*, ganharam força por apresentar a situação dos excluídos da sociedade, do morador das periferias, dos negros, pobres e classes excluídas. Com as mudanças do período político de décadas de repressão, o movimento juvenil no Brasil começa a ganhar força a partir de 1990. Para justificar esta argumentação, busco Elaine Nunes de Andrade (1999, p.9) que diz:

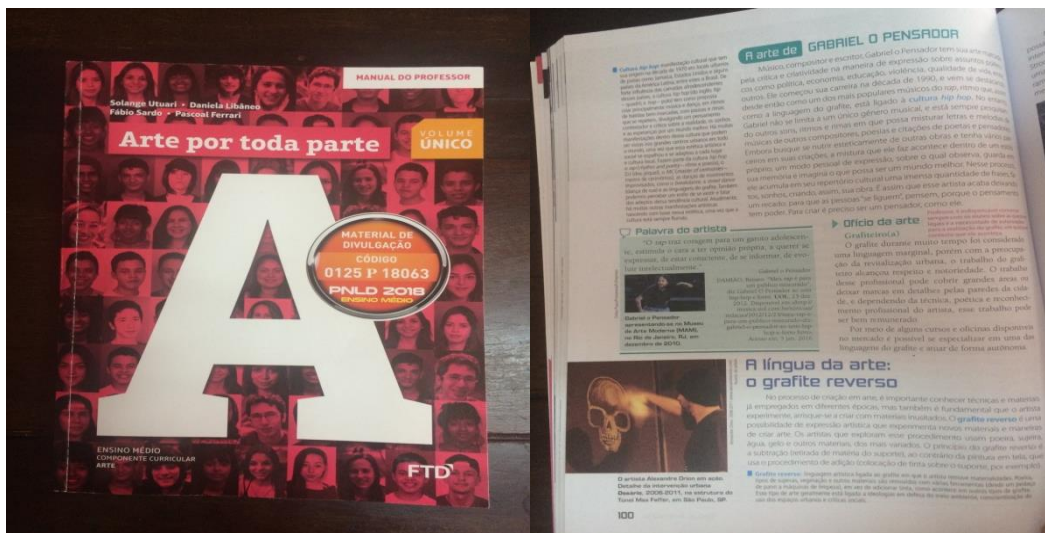
No início dos anos 90 eclode na metrópole paulistana um movimento social denominado hip hop, em que o rap, é a figura central. Jovens de várias zonas da Região Metropolitana articulavam-se para inaugurar um período de criação em que uma arte juvenil se transformava em prática política. Era a juventude negra que, influenciada por sua ancestralidade, soube dar continuidade a formas simbólicas de resistência. Soube apropriar-se dos recursos advindos de várias culturas negras (como a música), transformando essa modalidade artística em um discurso elaborado e consistente. Foi capaz de reivindicar direitos sociais, apontar as dificuldades da vida na pobreza, condenar as práticas de discriminação étnica e,

principalmente, arrebatou a “massa” esse foi e continua sendo o maior mérito da mobilização dos hip hoppers (ANDRADE, 1999, p. 9).

Assim, presentes no cotidiano escolar, apresento a discussão que trazem alguns autores como Solange Uturi, Daniela Libâneo, Fábio Sardo e Pascoal Ferrari para a compreensão de como a cultura *hip hop* está documentada e representada.

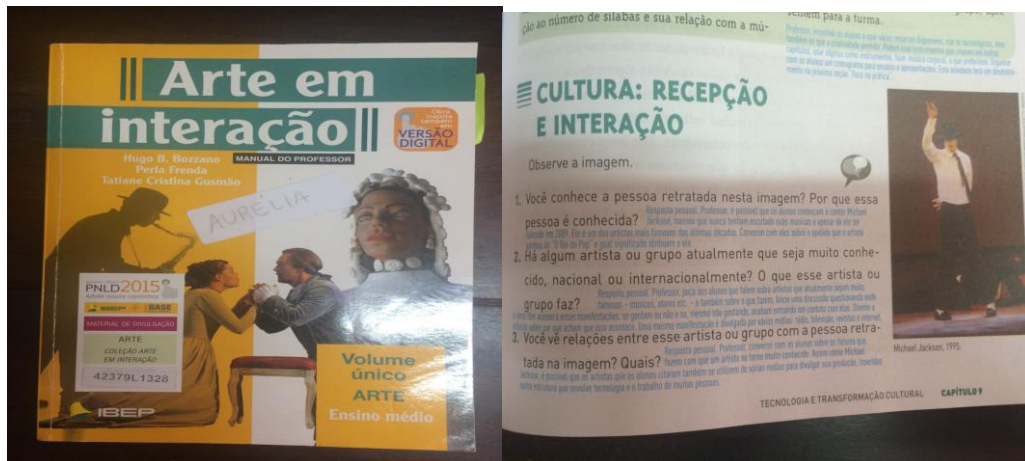
No livro “A Arte por toda parte”, neste livro aparece elementos da cultura Hip Hop o MC, o grafite, o *breakdance*, e um resumo da história do *hip hop*, na página 100, aparece o grafite reverso do artista Gabriel o Pensador, fala de como o grafite durante muito tempo foi considerado uma arte marginal, o livro traz perguntas e questionamentos para que o professor com os alunos possam ter mais conhecimento sobre a cultura *hip hop*, nos outros livros que pesquisei aparece mas muito limitado e pude perceber como esta rápida leitura me motivou a pesquisar mais os livros do ensino médio.

Figura 13 - Livro didático “Arte por toda parte” (Ed. FTD)



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 14 – Livro didático “Arte em interação”



Fonte: Acervo do pesquisador.

No livro didático “Arte e interação”, no capítulo 9, aparece a figura do artista Michael Jackson, considerado o Rei do pop, umas das grandes referências no mundo da arte, músico, dançarino artista Michael Jackson, nascido em 1958 falecido em 2009, tornou-se uma dessas figuras muito conhecidas da cultura pop, e *hip hop*, por dançar e cantar ao mesmo tempo, a figura do artista aparece nos livros infantis e livros didáticos do mundo todo, o livro traz perguntas e questionamentos para que o professor com os alunos possam ter mais conhecimento sobre o Artista.

Figura 15 – Livro didático “Arte de perto”



Fonte: Acervo do pesquisador.

No livro didático do ensino médio “Arte de perto”, o capítulo 9, com o título “Dança e sociedade”, apresenta os conteúdos dança contemporânea, história da dança, dança de rua, balé clássico, danças que conhecemos e que têm formas e histórias próprias que representam traços da sociedade nas quais estão inseridas, ROCHA, Maurilio Andrade, (2016.p.141) nos diz que.

[...] O *Hip Hop* é um movimento cultural composto pela integração da discotecagem, do ritmo e da poesia do rap, da performance dos Mestres de Cerimônia ou MCs, da dança inicialmente o break e, hoje que é chamado de dança de rua ou dança urbana e do grafite. O movimento nasceu nos guetos da cidade de Nova York(EUA), na década de 1970, com o objetivo de criar um modo de resistência à violência de uma alternativa para rivalidades entre os grupos de jovens que dividiam as ruas dos subúrbios. Atualmente, a dança de rua é um dos elementos principais da cultura Hip Hop no Brasil e no mundo. Ela foi um dos veículos para a entrada deste movimento cultural no Brasil, no início da década de 1980, em grandes centros urbanos como São Paulo e, mais tarde, em muitas outras cidades Brasileiras. (ROCHA, Maurilio Andrade, 2016.p.141).

Com esta pesquisa pude perceber como aparece e de que forma aparece a cultura *hip hop* nos livros didáticos de Artes do ensino médio, pude também analisar, a importância do *hip hop* nos livros didático que conta toda essa historicidade da cultura *hip hop*. Os livros didáticos que pesquisei sempre abordam alguns dos quatro elementos da cultura *hip hop* seja com o nome de cultura urbana, *Street dance*, a imagem do Artista Michael Jackson, Gabriel Pensador, rima poesia *Rep*, Dj, *Graffiti*, MC, *Breakdance*, um importante destaque essa diferença de quando surgiu em Nova York(EUA), na década de 1970, no Brasil, no início da década de 1980, Cada vez mais percebo que este estudo não termina aqui, pesquisar estes livros me fez enxergar a cultura *hip hop*, como sujeitos pertencente a uma sociedade em constante mudança.

5. PROJETO DE CURSO

Data: 10/02/2019

II. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Escola: Núcleo CEJA – Escola Básica Joaquim Ramos

Professor (a): Luiz Fernando Coutinho de Aguiar

Disciplina: Artes

Série: Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos)

Período: Noturno

III. TEMA: Movimento

IV. OBJETIVOS

Objetivo geral: Ampliar o repertório cultural dos alunos e oportunizar aos alunos o conhecimento dos movimentos da dança *breakdance*.

Objetivos específicos:

- Possibilitar o processo criativo, a autonomia e liberdade do indivíduo, permitindo uma relação mais próxima do homem e o meio que vive, através da observação, sensibilização e experiências que estabelecem uma íntima relação entre os mesmos;
- Proporcionar meios que levem os participantes ao desenvolvimento de suas capacidades corporais e culturais, propiciando dessa forma o ensino-aprendizagem;
- Propiciar atividades geradoras de ação e compreensão do *Breakdance*;
- Reforçar a autoestima, a autoimagem e a autoconfiança a partir de coreografias;
- Proporcionar vivências de dança que articulem a criação pessoal e coletiva de movimentos e apreciação;

- Conhecer a dança de modo a integrar a razão e o sensível, o individual e o coletivo, a arte e a educação.

V. CONTEÚDO:

- Coreografia
- *Breakdance*

VI. METODOLOGIA

Iniciaremos a aula contextualizando o *breakdance*, falando que se trata de um estilo de dança urbana. Em seguida faremos uma aula prática, com a orientação do professor de dança Luiz Fernando, serão trabalhados os movimentos básicos do *Breakdance*. Primeiramente serão realizados alongamentos para preparar o corpo. Depois apresentando aos alunos alguns movimentos básicos do *breakdance*, os convidando para experimentarem a linguagem e se arriscarem a partir dos passos apresentados, tudo isso em duas aulas de quarenta e cinco minutos, Por fim será realizada uma roda de conversa para comentarem a respeito das experiências que participaram.

VII. RECURSOS DIDÁTICOS

- Caixa amplificadora com entrada USB

VIII. AVALIAÇÃO:

Ao final faremos uma roda de conversa, onde será feita uma auto avaliação em conjunto, para saber se os mesmos conseguiram ampliar o seu repertório artístico-cultural e o conhecimento dos movimentos da dança *breakdance*, percebendo como aconteceu a relação entre os alunos e a dança.

XIX. BIBLIOGRAFIA:

[Conheça a História do Break](http://derua.com.br/historia-do-hip-hop/31-conheca-a-historia-do-break). Disponível em: <<http://derua.com.br/historia-do-hip-hop/31-conheca-a-historia-do-break>>. Acesso em: 28 set. 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo este estudo, percebi que a Cultura *hip hop* não pode ser consumida, e sim vivida. A partir da prática, vamos melhorando nossas habilidades em um ou mais elementos constituintes da Cultura *Hip Hop* e construindo histórias e memórias que nos identificam como pessoas participantes da sociedade em que vivemos. Pode se dizer que a Cultura *hip hop* é um estilo de vida, uma ideologia uma cultura a ser seguida. Identificado com a dança break, que há treze anos me dedico, tive a oportunidade de me qualificar, estudar, viajar e conhecer outras culturas e suas diferenças.

Através da investigação das experiências e vivências da cultura *hip hop* no ambiente escolar pelos educadores e artistas entrevistados foi possível compreender como a memória que trazem do tempo de escola se articula nas narrativas possibilitando as escolhas para o processo de construção dos professores de artes. É por gostarem e se identificarem com uma cultura vivenciada que eles construíram sua vida artística. Este estudo se iniciou-se com minha entrada no mundo do hip hop, refletindo sobre minhas experiências artísticas. O contato com a universidade me proporcionou uma aproximação comigo mesmo e neste momento de reflexão, foi possível perceber que a cultura *hip hop* é o meu processo de construção identitária que foram construídos ao longo de minha história e memórias.

O capítulo, 'Memória e histórias de artistas do *hip hop* e a escola' trouxe lembranças de estudantes da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, UNESC, e compreendi que a Cultura *hip hop* é capaz de nos transformar para cidadãos pertencentes à uma sociedade, de uma cultura que acolhe e reafirma a importância que temos diante do mundo. Somos seres em constante mudança e que sejam sempre para nos tornarmos pessoas melhores. Os três estudantes são do curso de Artes visuais Licenciatura, pois pretendi refletir sobre a memória de cada um entendendo-a como via de significação da constituição do artista da Cultura *hip hop* em diferentes culturas, apresentando desdobramentos e reflexões que para mim foram de encontro com minhas próprias lembranças de vida. Muitas das experiências trazidas dos estudantes entrevistados eram também por mim vivenciadas no meu tempo de escola e após como acadêmico do curso de Artes

Visuais. Aqui, minha intenção não foi julgar a personalidade desses artistas, mas atribuir significados diferentes para razões que os motivaram a se influenciar a serem professores de Artes.

Compreendi também que a construção da Identidade cultural do hip hop faz parte de um panorama que permeia tempo de infância, ou seja, o tempo de escola e como este processo nos é importante ao longo de nossas vidas. Foram através das memórias e histórias em comum dos entrevistados e também minhas vivenciadas, que hoje somos pessoas pertencentes à Cultura do *hip hop*. Para tanto, o aporte teórico no estudioso jamaicano Stuart Hall que deu base no meu estudo que refleti e compreendi que nos constituímos e nos percebemos pelas nossas diferenças.

Cada vez mais percebo que este estudo não termina aqui. Muitos caminhos ainda hão de se buscar e compartilhar dentro da cultura hip hop e como sujeitos pertencentes a uma sociedade em constante movimento e modificação. Logo, um passo a mais foi concluído, permitindo querer avançar e permitir que novos desafios sejam propostos.

REFERÊNCIAS

ALVES, César. **Pergunte a quem conhece: Thaíde**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2004.

ALVES, F. S. **Dança de Rua: corpos e sentidos em movimento na cidade**. Rio Claro: Unesp, 2001.

ANDRADE, Elaine Nunes de. (Org.). **O rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
_____. **Rap e Educação Rap é Educação**. São Paulo: Summus, 1999

BALBINO, Jéssica. MOTTA, Anita. **Hip Hop: A cultura marginal**. São Paulo: Ed. Independente, 2006.

BIG RICHARD. **Hip Hop consciência e atitude**. São Paulo: Livro Pronto. 2005. 140 p.

BOZZANO, Hugo B.; FRENDA, Perla; CRISTINA, Tatiane. **Arte em interação**. São Paulo: Ibep, 2013.

CANDAU, Vera Maria; **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. In: MOREIRA, Antonio Flávio. CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 13-37.

CONTADOR, C. A.; FERREIRA, L. E. **Ritmo e Poesia: Os caminhos do Rap**. Lisboa: Assirio & Alvim, 1997.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2004.

COSTA, Maurício Priess. **A dança do movimento Hip Hop e o movimento Hip Hop da dança**. In: Anais do III Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2005.

COSTA, Maurício Priess. **A dança do movimento Hip Hop e o movimento Hip Hop da dança**. In: Anais do III Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2005. Disponível em: <http://anais.embap.br/artigos/MaurEDcioPriess.pdfMovimentoHipHopDan>. Acesso em: 04/06/2007.

- ELLMERICH, Luis. **História da Dança**. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987
- BÓSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 13.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- FERRARI, Solange dos Santos Utuari. **Arte por toda parte**. São Paulo: Ed. Ftd, 2016.
- FERREIRA, Emanuel L. **Ritmo e Poesia: os caminhos do rap**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1997.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997, p. 15-46. Disponível em: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102p.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- _____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
<[http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda 2011 02. pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda%2011%2002.pdf) >. Acesso em 29 de maio de 2016.
- LE GOFF, Jacques. **A Bolsa e a Vida**. São Paulo: brasiliense, 1986.
- LE GOFF; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução: Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006
- REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2002. p.123-140.
- RICHARD, Big. **Hip Hop: consciência e atitude**. São Paulo: Livro Pronto. 2005.
- ROCHA, Janaina (et al). **Hip-Hop: a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

ROCHA, Maurilio Andrade (*et al*). **Arte de perto**. São Paulo: Leya, 2016.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança, *hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Jusamara. Vozes da periferia. **Revista Movimentos Socioculturais**. Especial O olhar do adolescente, Ediouro, n. 4, p. 83-, 2007.

SOUZA, Jusamara; SOUZA, Vania Malagutti Fialho; ARALDI, Juciane (orgs). **Hip Hop**: da rua para a escola. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Zulu Nation. Disponível em: < <http://new.zulunation.com/>> Acesso em : 26 de out. 2018.

Letras. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/biografia/afrika-bambaataa>\> Acesso em: 21 de out. 2018.

Portal Bocada Forte. Disponível em : <<https://www.bocadaforte.com.br/informacao/entrevistas/afrika-bambaataa-hip-hop-4-decadas-de-historia-e-resistencia>. > Acesso em: 02 de nov. 2018.

APÊNDICE(S)

Questionário aplicado

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS – MARIA –CLÓVIS - JULIO

**UNESC – UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
CURSO: ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

Orientadora: Viviane Candioto

Acadêmico: Luiz Fernando Coutinho De Aquiar

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE TCC

1. **Qual seu nome?**
2. **Qual sua idade?**
3. **Sexo?**
4. **Etnia?**
5. **Endereço?**
6. **Profissão?**
7. **Grau de estudo?**
8. **Descreva como foi seu período escolar no ensino fundamental e médio do seu país.**

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS (ARTISTAS) MC, Pedro Henrique Pisoni Alano, Grafiteiro Vlademir Ricardo Bernardo Junior (Herok).

1- MINI CÚRRICULO.

2 - COMO FOI SEU PRIMEIRO ENCONTRO COM A CULTURA *HIP*

HOP?



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
 UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
 CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Luiz Fernando
 Coutinho De Aguiar do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof.
 Viviane Candiotto para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de
 campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
